

REVISTA CIÊNCIA & VIDA

Entrevista com Moacir Gadotti

- Logo no início do livro, o senhor cita a doutrina Bush como equívoco que ajuda a propagar mais terrorismo pelo mundo. Como o senhor enxerga a participação norte-americana no Fórum Social Mundial?

- Muitos dos movimentos anti-globalização que precederam o Fórum Social Mundial, tiveram origem nos Estados Unidos. Noam Chomsky, por exemplo, sempre foi um dos intelectuais mais ativos em nossos Fóruns. Um grande grupo de organizações e movimentos populares dos Estados Unidos está organizando, para o final de junho, em Atlanta, o primeiro Fórum Social dos Estados Unidos. É provável que outro fórum se realize em Nova Iorque em janeiro de 2008. É muito importante que pensemos em envolver cada vez mais os países do norte. O FSM é “mundial”. Não é um fórum dos “sul”. É justamente para combater essa divisão entre globalizadores e globalizados e para construir uma outra globalização que o FSM existe.

- O senhor afirma que “esse outro mundo possível será fruto de um processo instaurado pelos que não têm poder”. Mas acredita que a organização se dá pelo aglutinamento em torno de líderes sociais ou políticos?

- Há várias décadas já se via que as possibilidades de mudanças profundas através do assalto ao poder de estado estavam esgotadas. A própria esquerda era definida em relação à posição que os partidos tomavam em relação à revolução através da tomada de poder. Os partidos não são os únicos canais de participação política. Há outras formas de fazer política, portanto, de operar mudanças. Não se pode utilizar a mesma lógica e os mesmos métodos utilizados pelo capitalismo para tentar superá-lo. Acredito com John Holloway, autor do livro *Como mudar o mundo sem tomar o poder*, que o mundo não será transformado pelo poderosos que criam pessoas despossuídas de poder, mas pelas pessoas comuns como nós. Então, não se trata de conquistar o poder para mudar a sociedade. Trata-se de construir uma sociedade sem relações de se poder, isto é, sem relações de mando e subordinação.

- A mudança de valores que o senhor preconiza está atrelada à transformação no nível pessoal? Os movimentos sociais contemporâneos encontram novas maneiras de expressão individual, em comparação com movimentos do passado?

- Não se pode mudar o mundo sem mudar as pessoas: mudar o mundo e mudar as pessoas são processos interligados. Mudar o mundo depende de todos nós: é preciso que cada um tome consciência e se organize. Diante do vazio ideológico e da crise da idéia de utopia provocados pelo fim do socialismo autoritário de tipo soviético dos anos 90, resultou, no ano 2000 uma re-união dos movimentos sociais no FSM, como uma “convergência”, sob uma nova lógica, com base em dois princípios básicos: a construção da alterglobalização e o respeito ao pluralismo, contra o monolitismo dos paradigmas socialistas clássicos. A maior lição a tirar desses Fóruns é que eles mostram como o povo pode fazer história. Os Fóruns colocaram o povo, a multidão, como grande sujeito. Só o povo organizado pode fazer história. Os movimentos sociais contemporâneos não querem ficar na platéia, na arquibancada. A sociedade civil não pode ficar assistindo. Tem que ser protagonista deste “outro mundo possível”, fazendo cobranças para que a esperança se torne realidade, porque o neoliberalismo ainda está vivo, muito vivo, ainda não foi derrotado.

- Como o senhor avalia as ações de responsabilidade social das empresas, no sentido de responder aos anseios de uma sociedade civil global e propagar transformação?

- O mercado existiu bem antes do capitalismo e, possivelmente, continuará existindo depois dele. O mega-investidor George Soros afirma em seu livro *A crise do capitalismo* que, se quisermos encontrar a solidariedade, a compreensão e a compaixão, não devemos procurá-las no mercado. Gostaria de dizer que ele está equivocando. Ele está considerando apenas um tipo de mercado e um tipo de economia. Ele está pensando apenas no modo como o mercado chamado livre está funcionando hoje, dentro de uma “lógica da consciência opressora”, como dizia Paulo Freire. O mercado não é um ser imutável. O mercado pode ser regido por uma outra lógica. Pode, sim, existir uma economia solidária. O mercado não foi inventado pela mão invisível de um deus que o fez necessariamente excludente e perverso. Ele foi inventado pelos homens e tudo o que foi inventado por eles, por eles

pode ser re-invetando. Ele foi construído socialmente e pode ser socialmente desconstruído e reconstruído, sob um outro olhar, sob uma outra lógica, uma lógica solidária. Nesse sentido acredito que as empresas têm muito ainda a aprender e a fazer. As ações de responsabilidade social, quando não se trata de uma pura fachada mercantil, podem contribuir na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

- *Não se trata de uma distorção o próprio fato de precisarmos de uma Declaração dos Direitos Humanos? Uma das possibilidades desse outro mundo seria a ausência de um documento desse tipo?*

- Sem dúvida. Um país que precisa de um Estatuto da Criança para respeitar a criança tem alguma coisa errada no seu processo civilizatório.

- *Solidariedade seria o conceito mais profundo embutido em seu pensamento sobre a lógica de uma possível mudança para o mundo?*

- A solidariedade nada tem a ver com a piedade. Não se trata de dar uma esmola para alguém para aliviar nossa consciência. A esmola, a piedade, não empoderam ninguém. Ao contrário, elas humilham. A solidariedade implica não apenas em sentir o outro, mas compartilhar nossas vidas, nossos sonhos, com o outro. Por isso a solidariedade precisa ser “emancipatória”. Emancipar, etimologicamente, significa “tirar as mãos de”. Não basta “sofrer com”, É preciso “estar com”, compartilhar. É o que afirma Paulo Freire na dedicatória de seu livro mais conhecido *Pedagogia do oprimido*: “aos esfarrapados do mundo e àqueles que com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. É com esse sentido que emprego a palavra solidariedade por exemplo, quando defendo a economia solidária.

- *Se “o problema está em nós”, aprisionados em uma lógica linear, a busca pelo sentido da solidariedade esbarra no desapego religioso, existencial, pela ausência de auto-importância em nossos atos?*

- O problema está tanto em nós quanto nas estruturas que construímos. Não se muda o mundo sem uma nova teoria, sem uma nova lógica. Para mudar é necessário criar uma outra teoria, uma outra lógica, para além da lógica do capital e do seu mercado. Uma nova lógica de poder está sendo apontada pelos Movimentos Sociais através de suas ações globais pela justiça, pela ética na política, pelo consumo ético e solidário que não destrói o planeta. Nesse sentido, educar para um outro mundo possível é educar para superar a lógica desumanizadora do capital que tem no individualismo e no lucro seus fundamentos, é educar para transformar radicalmente o modelo econômico e político atual, como sustenta István Mészáros em seu belo livro *A educação para além do capital*. Ao mesmo tempo, tudo isso tem a ver profundamente com o sentido profundo que construímos para nossas vidas. A responsabilidade não é apenas social é também individual, pessoal.

- *Apesar de defender a não existência de um caminho único para as civilizações e o respeito ao tempo de cada povo, o senhor diria que a globalização, no sentido solidário do termo, é uma tendência genuína da humanidade, dissociada das ambições neoliberais?*

- A globalização deve ser entendida tanto como processo quanto como modelo. O que está em questão não é o processo de globalização mas o modelo capitalista de globalização. A globalização como processo é uma tendência própria das aspirações humanas. A helenização, a romanização, a evangelização e outros processo históricos, desde a antiguidade até os nossos dias, podem ser entendidos como um processo de globalização, de mundialização. O capitalismo é apenas uma forma de globalização injusta que deve ser superado por uma “outra globalização”, como sustentava nosso saudoso geógrafo Milton Santos. A globalização capitalista é uma “fábula” como afirma ele, na medida em que o mundo não foi globalizado para a maioria das pessoas. É assim que os “globalistas” querem que o vejamos. Na verdade ela é “perversa” para a grande maioria dos seres humanos. Para a maioria das pessoas a globalização é apenas uma ilusão, uma fantasia: pensar que todos estamos globalizados. Temos a ilusão de que estamos nos comunicando com todo o mundo e que nós fazemos parte da globalização. Mas, o mundo só está realmente melhor para as grandes corporações. A globalização capitalista só chega a poucos, muito poucos.

- *O senhor afirma que “não é a causa que envelheceu, mas sim os métodos autoritários”, ao falar sobre os paradigmas da esquerda. O FSM seria uma nova forma de esquerda, ou transcende mesmo essa classificação?*

- A esquerda sempre foi protadora de um grande sonho: o sonho de mudar o mundo. Mas, seria o mesmo sonho do FSM? Para muitos parece que não. Se o sonho pode ser o mesmo, para muitos, os métodos, certamente, não são os mesmos. Muitos participantes do FSM entendem que o fim da União Soviética foi um ato de libertação do marxismo e do conceito clássico de revolução. Repensar o conceito de revolução, reconhecer e honrar os que morreram pela revolução, sim. Os zapatistas, por exemplo, recolocaram o tema da revolução e mostraram que é possível tomar seu próprio destino nas mãos e viver com dignidade mesmo sem grandes mudanças nas suas condições de vida, mesmo sem mudar radicalmente as relações de produção. Os zapatistas mostraram que a diferença entre socialismo e anarquismo não tem mais relevância. Se olharmos para o FSM também não vemos relevância na discussão dessa questão. Se não temos respostas prontas, como tinham os leninistas, juntos poderemos achar as respostas. O movimento avança a partir de questões, de perguntas.

- *O senhor compartilha a opinião de que não existe mais esquerda? Ou seja, a verdadeira esquerda, segundo os ideais que geraram essa denominação, seria apartidária hoje?*

- Não se pode negar que existe hoje um pensamento e uma prática de esquerda. Mas depende do que se entende por esquerda. Creio que o FSM é de esquerda mesmo sem aceitar as receitas clássicas da esquerda. Ele prossegue a caminhada da esquerda reinventando-a. A esquerda tem hoje uma nova agenda, diversa da agenda do passado, a agenda dos direitos humanos, da mulher, a questão do aborto, a biosegurança, o meio ambiente, a questão de gênero, etc que é a agenda dos FSM e a agenda dos movimentos sociais. Ser de direita ou de esquerda não é a ótica sob a qual o FSM vê o mundo. O paradigma é outro. Não tem muito sentido falar de esquerda e de direita no FSM. Cada vez mais sabe-se menos o que isso significa e, sobretudo, qual é a relevância de se saber isso. Ser de esquerda ou de direita não se define mais para designar posições políticas em relação ao papel do estado. Ser de esquerda não se refere mais ao controle do estado por uma ditadura classista do proletariado, mas, muito mais, em relação à radicalização da democracia e à defesa dos direitos humanos.

- *Alguns pontos de vista de José Saramago são questionados em seu livro. Também seria questionável a visão do escritor de que não existe mais democracia, de que o termo é uma ilusão sustentada coletivamente diante da opressão?*

- Causou polêmica a afirmação de Saramago no FSM 2005 em Porto Alegre, quando sustentou que a palavra “utopia” deveria ser retirada dos dicionários, sob o protesto evidente de seu colega Eduardo Galeano. Ele também questionou a existência da democracia hoje. Considero Saramago não apenas como um grande pensador, um grande escritor e poeta, mas também como um grande profeta. Um bom profeta não é aquele que acerta nos seus desígnios. Um bom profeta é o que erra nas suas previsões. Um bom profeta afirma com tanta certeza e com tanta força que uma coisa (utopia, democracia) não existe e, com isso, desperta nas pessoas a crença e a vontade que tornam possível o que o bom profeta achava impossível.

- *O pensamento ocidental é apontado em seu livro como epicentro da crise, com suas “pretensões universalizantes”. Essa constatação vem de referências do conhecimento oriental em sua vida?*

- Creio que ao pensamento único não podemos opor um outro pensamento único. Não há uma teoria única que possa explicar a complexidade do mundo atual e nem capaz de orientar a vida de uma comunidade humana tão diversa. Sempre existe mais de um ponto de vista que responde a uma mesma questão. É cegueira ideológica e sectarismo enxergar apenas uma. Também não existe um partido único portador da verdade e da moralidade. O partido único e o monolitismo ideológico conduzem necessariamente ao fracasso político. A diversidade é a característica fundamental da humanidade. Por isso não pode haver um único modo de produzir e de reproduzir nossa existência no planeta. O que há de comum é a diversidade humana. Diante da diversidade humana abre-se a possibilidade da diversidade de mundos possíveis.

- *Experiências como Summerhill, Sudbury Valley, ou a brasileira Lumiar, se aproximam de alguma forma do pensamento de Paulo Freire?*

- O pensamento de Paulo Freire é um pensamento anti-autoritário. Todas as experiências anti-autoritárias têm uma aproximação com o pensamento de Paulo Freire.

- *A educação indígena pode ser um exemplo da educação cósmica que o senhor defende?*

- Os maias antes de arar a terra para plantar o milho, oravam pedindo perdão à mãe terra por que a estavam “arranhando”. Essa atitude tem tudo a ver hoje com o pensamento holístico que considera a terra como um ser vivo e em evolução.

- *Enfim, uma última pergunta: o que é educar para um outro mundo possível?*

- É educar para viver harmoniosamente no cosmos. Só assim poderemos entender hoje os problemas do aquecimento global, da desertificação, do desflorestamento, da água, do lixo e dos problemas que atingem humanos e não-humanos. Os paradigmas clássicos, arrogantemente antropocêntricos e industrialistas, não têm suficiente abrangência para explicar essa realidade cósmica. Por não ter essa visão holística, não conseguiram dar nenhuma resposta para tirar o planeta da rota do extermínio e do rumo da cruel diferença entre ricos e pobres. Os paradigmas clássicos estão levando o planeta ao esgotamento de seus recursos naturais. A crise atual é uma crise de paradigmas civilizatórios. Educar para outros mundos possíveis supõe um novo paradigma, um paradigma holístico.

ALGUMAS TESES DO LIVRO EDUCAR PARA UM OUTRO MUNDO POSSÍVEL

1. “A construção de uma nova sociedade não pode ser adiada para o momento da revolução ou da vitória eleitoral” (p. 8).
2. “Já não se trata de priorizar algumas poucas iniciativas em relação às demais, mas de estimular a qualificação permanente de todas elas” (p. 14).
3. “O diálogo é hoje um imperativo histórico e existencial. A alternativa ao diálogo é o terrorismo, é a globalização da crueldade, a guerra” (p. 60-61).
4. “O futuro do FSM dependerá da sua capacidade de se articular em torno de alternativas e propostas viáveis ao modelo neoliberal” (p. 73).
5. “Os paradigmas clássicos já não conseguem explicar a complexidade do mundo atual multipolarizado. Na era da indústria era fácil observar a sociedade e enxergar trabalhadores e não trabalhadores, o capital e o trabalho. O mundo estava polarizado. Na era da informação a sociedade é fractal. Ela polariza para todos os lados” (p. 86).
6. “Estrategicamente o FSM maximiza o que une e minimiza o que divide, celebrando o intercâmbio e a diversidade em vez da disputa pelo poder” (p. 93).
7. “Se o poder é algo que vai muito além do aparato coercitivo do estado e está diluído em toda a sociedade, então não é algo que possa ser tomado. Pode-se tomar o governo através da força, mas não se toma o poder” (p. 131-132).
8. “O socialismo real fracassou historicamente, desmoronando com ele todo o edifício da tradição marxista-leninista, mas não levou com ele o sonho socialista. O colapso desta forma de socialismo não comprometeu a idéia de socialismo” (p. 147).
9. “Devemos nos acostumar a trabalhar a distância. É provável que não consigamos mudar o mundo presencialmente” (p. 179).